

FOTO GENTILMENTE CEDIDA POR MARIO CRAVO NETO



PURA MISTURA

Pela vertente biológica, raça não existe. Entre milhões de genes, no máximo seis definem a cor da pele

CLEIDIANA RAMOS

Raça. Por conta de uma palavra tão pequena já se matou, escravizou e torturou. Devido a ela foi aberto um fosso entre brancos e pretos. Para os primeiros foi dada a supremacia. Aos segundos o último lugar. Nascida com a ciência, passou a ser contestada por ela. Hoje, nenhuma pesquisa do ponto de vista biológico consegue sustentá-la, mas apenas negá-la. “O conceito científico de raça é questionável, diferente do conceito de espécie, que tem fundamentação biológica. Uma espécie é tão diferente que não cruza uma com a outra, como é o caso de gato e cachorro”, destaca a médica Eliane Azevedo, 67 anos, especialista em genéti-

ca das populações humanas, doutora pela Universidade do Havaí com pós-doutorado pela Universidade de Londres. Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e coordenadora do Núcleo de Bioética e do Comitê de Ética e Pesquisa, ambas unidades da instituição. “Do ponto de vista biológico, a aparência é insignificante. A grande diferença da espécie humana é ser homem ou mulher”, aponta a professora. Em síntese, somos iguais do ponto de vista estrutural e biológico. Por que, então, tanta confusão em relação a raça? Fenótipo, eis a resposta. Este é o nome científico utilizado para definir a aparência, inclusive a cor da pele. O curioso é

que, num universo de 30 mil genes, só quatro a seis o determinam. NASCE O RACISMO - O fenôtipo não tinha muita importância até que mundos, como África e América, ficaram conhecidos pela Europa. Em 1758, o botânico sueco Carolus Lineaus criou um sistema de classificação dos seres vivos. A humanidade, chamada *homo sapiens*, foi dividida por ele em quatro grupos: vermelhos, brancos, amarelos e negros. Lineaus foi mais longe: deu a cada uma destas divisões uma característica, unindo aparência a um determinismo comportamental. Dessa forma, os brancos (europeus) estavam no topo como inteligentes; os vermelhos (americanos), eram os “cabeças

de vento”; os amarelos (asiáticos), ambiciosos e dotados de severidade, e os negros (africanos), cheios de ardis e sem capacidade de reflexão. SERPENTES RACISTAS - Esta relação raça/comportamento nunca foi comprovada, mas o ovo da serpente racista foi gerado e suas piores crias surgiram no século XIX. Deu-se corda a gente como o conde francês Joseph Arthur de Gobineau, que achava haver uma correlação entre aparência física e atributos morais. Autor do “Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas”, foi embaixador da França no Rio de Janeiro e não poupou os brasileiros da sua verve racista. “Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no

sangue e no espírito e assustadoramente feia”, disse Gobineau. Assim, a mistura de raças aqui existentes passou a ser considerada a causa do atraso ou possível inviabilidade da nação. Em fins do século XIX, negros e mestiços eram apontados como causadores de degeneração e responsáveis pela falta de perspectiva para o País. “Autores como Nina Rodrigues, da Escola de Medicina da Bahia, Sílvio Romero, da Escola de Recife; e João Batista Lacerda, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, dentre outros, destacaram as mazelas da miscigenação racial e, informados por teorias estrangeiras, condenaram a realidade mestiça local”, aponta a antropóloga Lília Schwarcz, no seu livro “Racismo no Brasil”.

I QUAL A SUA COR?



“Na minha certidão de nascimento diz que eu sou pardo. Acho que eu sou um branco sujismundo”
ROGÉRIO LIMA, 33 anos, músico.

SUBEMPREGADOS

■ Na capital da Bahia, as ocupações ditas de “baixo status” são as que empregam as pessoas negras.

Em 1936, não havia nenhum branco trabalhando como carregador, lavadeira ou carroceiro.

93% dos carregadores eram negros.

89,5% lavavam roupas. Comparando: apenas, **1,6%** dos trabalhadores domésticos eram brancos.

18,8% eram mulatos. Contra **78,8%** de pessoas negras. Os negros eram também **82,4%** dos pedreiros e **78,3%** dos trabalhadores de rua.

Fonte: “Brancos e Pretos na Bahia”, Donald Pierson

Raça como porta de saída

No início do século XX, a questão racial dá uma guinada no Brasil. De inviável e entrave para o crescimento nacional, a mestiçagem ganhou status de riqueza cultural. Gilberto Freyre publicou Casa Grande & Senzala em 1933. Ali estava a representação otimista da mistura racial brasileira: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra ou pelo menos a pinta, do indígena e ou do negro”. Após a Segunda Guerra, a Unesco passou a dar uma atenção especial ao tema raça, patrocinando trabalhos sobre o tema. A Bahia ganhou uma importância fundamental no debate. Daqui tinha saído, no início da década de 40, o livro “Brancos e Pretos na Bahia”, de autoria de Donald Pierson. Ele trazia a idéia de que existia preconceito em Salvador, mas ele estava muito mais ligado à situação de classes. Para reforçar a idéia de tolerância entre cores diferentes, ele dá o exemplo do

levantamento que fez entre famílias residentes no centro da cidade (do hoje chamado Passeio Público até a Igreja de São Bento). “Dos 142 estudantes brancos a quem perguntei se se sentiam aborrecidos em terem vizinhos pretos, 120 responderam não. E dos 143 que responderam à mesma pergunta em relação aos vizinhos pardos, 129 deram resposta negativa. Entre a pequena minoria que manifestou desagrado pela proximidade imediata de vizinhos de cor, um inquérito posterior mostrou que geralmente a objeção provinha do temor de que a residência entre vizinhos pretos pudesse implicar a residência num bairro da classe inferior. A objeção parecia ser não tanto aos pretos em si, mas às áreas em que a parte de cor da população menos favorecida sob o ponto de vista financeiro, geralmente reside”. Na análise de Pierson, como o problema não é de cor e sim de classe, a ascensão social de um descendente de africano não era impossível. Thales de Azevedo, uma década depois, seguiu os

passos de Pierson na visão de que a Bahia era um exemplo da coexistência pacífica entre pessoas de cores diferentes. Para Thales, existia até antagonismo, mas ele se apresentava bem mais na relação entre pretos e mulatos. “Na Bahia existe, sem dúvida, preconceito de cor, porém, opina um profissional moreno, “o preconceito não é só dos brancos; com receio de ser identificado com os pretos, o mulato aproxima-se dos brancos e evita aqueles”, disse. RACISMO EXISTE - Na contramão, uma década depois, Florestan Fernandes aborda a questão pelo ângulo da desigualdade. Para ele, a ausência de conflitos era na verdade um sintoma indicativo de que a discriminação era camuflada. Na visão de Fernandes, a escravidão abriu um fosso que as transformações econômicas e sociais nunca destruíram. Neste caminho vieram também os movimentos de auto-afirmação negra, nos anos 70,

embalados pelas lutas dos negros norte-americanos. Chegamos ao século XXI e o dilema persiste. Superficialmente, vivemos num país, e na Bahia particularmente, no cenário pintado por Pierson: uma convivência cordial entre cores diferentes. Mas se nos aproximarmos mais as desigualdades são evidentes. Há disparidade entre o grau educacional de brancos e negros. Uma pesquisa do IBGE, divulgada em junho deste ano, aponta que na Região Metropolitana de Salvador (RMS) a renda média de negros e pardos corresponde a apenas um terço daquela que os brancos possuem. Mas se nas estatísticas o racismo na Bahia aparece, no senso comum ele continua encoberto, como diz o antropólogo Roberto Albergaria: “O paraíso racial baiano é um bellissimo jardim imaginário, mas cheio de sapos e cobras encobertas pela folhagem”.

BIBLIOGRAFIA

- Racismo no Brasil - Lília Moritz Schwarcz Coleção Folha Explica Publi Folha (2001)
- Brancos e pretos na Bahia- Estudo de Contacto Racial Donald Pierson-Companhia Editora Nacional 1945
- As Elites de Cor Numa Cidade Brasileira (Um estudo de ascensão social & Classes Socias e grupos de prestígio) Thales de Azevedo - Edufba
- Negras Imagens- Lília Moritz Schwarcz e Letícia Vídor de Sousa Reis (Organizadoras) Edusp-1996
- Raça Conceito e Preconceito Eliane Azevedo- Editora Ática-1987